

9-2600

ADEODATO FACONTE
MUSEU HIST. PEDAG.
— Padre Vicente Pires da Mata —
Rua General Teles, 1738
Caixa Postal 2 — Fone. 2-0093
BOTUCATU - SP. — BRASIL

A

MARCHA DOS MORTOS
EM BOTUCATÚ
NA NOITE
DE 14 DE ABRIL DE 1955

B-118
D-772

1955
TIP. SANTOS LTDA. - SANTOS

NO-0600

MUSEU HIST. PEDAG.
— Padre Visente Pires da Mota —
Rua General Teles, 1738
Caixa Postal 2 — Fone, 2-0093
BOTUCATU - SP. — BRASIL

A

1-10-73

**MARCHA DOS MORTOS
EM BOTUCATÚ
NA NOITE
DE 14 DE ABRIL DE 1955**

“Beati qui in Domino moriuntur.”

I

BOTUCATÚ

Construída pela força e constância dos nativos, dos Italianos, dos Portugêses e outros imigrantes, Botucatú, cidade maravilhosa, expandiu-se vertiginosamente em pouco tempo, firmando-se com orgulho, no meio do Estado de São Paulo.

Invadindo, com irresistível impulso juvenil, as baixadas, engolindo as alturas, absorvendo os ribeirões, ela avançou... e avança sempre! Arrasta com as suas garras formidáveis, o que está ao seu alcance e:

"I monti sùpera,

"Divora i piani" — Carducci.

Farol do sertão paulista, edificada a oitocentos metros acima do nível do mar, acariciada pelos ventos e iluminada por um sol temperado, parece convidar generosamente os que sobem, a internar-se nas planícies fecundas e ainda inexploradas, que estão atrás de si, e apontar, aos que descem, às longinquas cidades ribeirinhas, a grande metrópole babilônica, os imensos Ocea-

II

nos, que, com as ondas enfurecidas, flagelam as curvas do mundo e aos quais, Deus intimou:

Vocês, não irão mais longe !

Salve cidade ideal ! Abrigo seguro de tanta e diversa gente !

Salve, ó mortos que a edificastes e que agora descansais em um pobre pedaço de terra, perfumada pelos lírios e crisântemos !

E salve também vós, anônimos mortos, — desconhecidos soldados do trabalho, envolvidos nas trevas e caídos nos campos e nas matas, — que no passado, fostes guiados no progresso da cidade, por cidadãos honestos e destemidos !

O dia 14 deste mês de Abril, deveries ser comemorados. Tornareis depois, daqui a um século, quando a lúgubre trompa da Eternidade, tocará novamente o sinal da vossa momentânea resurreição. Vós, então, erguendo a cabeça dos túmulos, receberéis outra grande homenagem dos vivos, que vos acolheram com carinho.



Quem à noite, saído da escuridão dos arredores, vai avançando nas alturas, fica encantado ao deparar com esta pequena metrópole fantástica, fechada em um mar de luz, como se fôsse um fabuloso presépio, que os mortais tivessem preparado em agradecimento a Deus.

A deslumbrante visão, sufoca-lhe um grito de admiração e os seus olhos ficam imóveis sobre o mais belo e incrível panorama elaborado pela Natureza, para o bem-estar dos homens.

Este complexo de beleza, vai tomando gradativamente uma forma mais definida. Aparecem

III

então, as casas simples, mas cômodas dos trabalhadores; as residências mais luxuosas dos abastados; os jardins, com flôres de côres e tamanhos diversos; os cercados, enriquecidos com árvores frutíferas, de gôsto e perfume prelibados; os quintais dos pobres, semeados de leguminosas e os pastos, repletos de animais e aves domésticas.

Sôbre todo o mágico espetáculo, se elevam edifícios mais importantes, ocupados pelas repartições públicas, pelas beneficências, pelas indústrias e pelas escolas; todos êles, de variada e genial arquitetura.

No ponto mais alto, surge artisticamente severa, a grandiosa Catedral, com as suas tôrres, símbolo de esperança e as suas cruces, símbolo de fé.

Um pouco mais longe, sôbre um extenso planalto, está recebendo os últimos retoques, uma ampla fábrica de aeroplanos, da qual, sairão, como os pássaros que estão abandonando a árvore hospitaleira, os multiformes aviões, os quaes, devorando o espaço, invadirão todos os recantos do mundo, para contar do progresso dêste povo.

No centro enfim, alça-se majestosamente, o colossal prédio "Pedro Amando de Barros", construção gigantesca, mole enorme de cimento e ferro, sentinela ciclópica que está lá, a desafiar as tempestades e pronta a gritar, aos furacões que por acaso tivessem a intenção de atacar o povoado: Afastem-se daqui, e tomem rumo diverso !

Esta é Botucatú !

Botucatú, que trabalha, dança, canta e ri !

Botucatú, a vanguarda do sertão !

Botucatú, a inesquecível !





Nós somos dos que respeitam tudo que se refere ao mistério da existência e do além e cremos que desde tempo imemorable, foram sempre feitos esforços extraordinários, para descobrir o que vai acontecer depois da morte.

E' esta, uma dúvida lancinante.

Quantas vezes, no meio das trevas, temos interrogado a nossa consciência, forçando inutilmente o nosso pensamento, a transpor aquela barreira que nos separa do eterno infinito!... Para lá, dizem uns, há escuridão profunda, silêncio absoluto do abismo misterioso. Estes, são os materialistas e, portanto, para eles: **post mortem, nulla voluptas**; para outros, (que são a maioria), sustentados por uma vaga esperança, emanção de uma antiga promessa divina, há, ao contrário, luz inextinguível, paz eterna e o cântico: «glória in excelsis Deo».

Todavia, apesar de estarem firmes nesta convicção, há entre estes quem desejaria saber algo de mais concreto, para ter também uma prova material, saindo assim, de uma situação incerta. Tentativas inúteis; dura luta que não terá fim, porque se defronta com o invisível, que está do outro lado das portas invioláveis da morte, cujo cadeado, fundido com desconhecida matéria cósmica, foi temperado sobre uma bigorna de fogo, por Quem regula há séculos o movimento dos astros, obrigando-os a não sair da rota perigosa. Espíritas, chamam-se estes teimosos discípulos de Allan Kardec, que foi o primeiro, a indagar e a obter alguns resultados, sobre estas pesquisas e tanto insistiu na sua propaganda que, como escreve Paul Janet, hoje, o espiritismo, para alguns, é quase uma nova crença, uma verdadeira religião.

Mas afinal o que é o espiritismo? Vamos dar a palavra a quem se dedicou a estudá-lo. César Lombroso, ilustre psiquiatra de fama mundial e adepto da escola positivista, — primeiro não admitia os fenômenos espíritas — depois de haver assistido às sessões da não menos famosa Eusapia Paladino, declarou, que estes fenômenos existiam e que êle, não os podia negar.

O Deuteronomio, proíbe absolutamente, qualquer espécie de comunicação, com os amadores das ciências ocultas. Pio IX, apesar de haver palestrado sobre este argumento com o célebre David Hume, que, em pleno dia — carregado por um espirito, ou como sustentavam os católicos, pelo diabo, — teve a coragem de atravessar, passando de uma janela à outra, uma rua de Roma não quiz, ou não soube tirar uma conclusão e despediu-se dele, abençoando-o. E' curioso fazer-se notar, que David Hume, não acreditava em Deus e tinha medo de Satanás!...

Paul Gibier, foi mais pessimista e disse: «n'est pas toujours possible de parler serieusement de choses, que ne sont pas serieuses». Como se vê, nada de positivo e quanto a nós, somos de opinião que não vale a pena interromper o sono, dos que dormem há tanto tempo: brinca com os vivos, diz um provérbio, e deixa em paz os mortos!

E' possível, que como simples experiência, ou para firmar-se mais na convicção de uma vida futura, seja lícito, alguma vêz, sondar os obscuros mistérios do além. Isto porém, não deve servir de pretexto, para proclamar o advento de uma nova religião, com o intuito de estirpar as crenças enraizadas desde muitos séculos, na alma humana.

Assim algumas dúvidas serão futuramente esclarecidas: **multa renascentur**, diz Horácio.

Antes da descoberta das ondas hertzianas, ninguém teria acreditado que, no flúido etéreo, pudessem passar continuamente os sons, os diversos ruídos e mesmo a voz humana. Desta descoberta valeu-se o grande Guilherme Marconi para fazer chegar aos nossos ouvidos, por meio de um receptor mecânico, tôdas as manifestações das atividades dos povos, proporcionando ao mesmo tempo, uma inesperada surpresa e um passatempo agradável.

É, portanto, também possível que os antepassados, transformados pela mão de Deus em substância não assimilável, vivam, suspensos no espaço, em torno de nós, sendo-hes vedado conversar, aconselhar, assumir as nossas defesas e muito menos, poderem encarnar-se em nós, faltando-lhes a consistência física. Em uma palavra, os espíritos só aparecem e desaparecem; evanescem, são transparentes, são vistos só por alguns, mas não por todos; tocando-os, não oferecem resistência e nem deixam traços físicos atrás de si; para eles, não existe distância, mas podem locomover-se de um ponto a outro, com a rapidez de um ráio; são sombras; sombras sem coração, como diz Homero.

A prova de que os que morreram lembram-se dêste mundo e não se esquecem de nós, a temos nos sonhos, nos quais às vêzes, se apresentam com aparência humana, amigos e conhecidos, que há muito deixaram a nossa companhia.

Nestes últimos anos, as pesquisas metapsíquicas, causaram muitas surpresas. Há quem sustente serem as aparições simples mensagem telepáticas, mas é certo que, sem um individuo que as vê, estas aparições, não se manifestariam!... Está provado todavia, que os espíritos na breve volta a êste mundo vão procurar as mesmas ocupações e os mesmos divertimentos de que gostavam quando vivos.

Neste ponto, antes de prosseguirmos na análise das diversas tendências espíritas, achamos conveniente contar detalhadamente, um fato singular que nos aconteceu e que não deixará de influir na opinião dos leitores.

Não é fora de propósito lembrarmos aqui, que já Luciano, escritor grego, transmitiu, no seu livro «Os diálogos dos mortos», as conversas trocadas com êstes; e Pedro Verri, no seu volume «As noites romanas» revelou-nos, as palestras que teve com os grandes homens da latinidade.



Fechados de noite, para ninguém vêr e ouvir, no quarto 218 do Hotel Londrina, em Londrina, durante uma viagem que fizemos pelo Paraná, tivemos a oportunidade de falar, sôbre este assunto, com o sr. Walther Strong, viajante de produtos químicos ingleses e membro da Society for Psychical Research. Homem de grande cultura e de larga visão, o sr. Walther logo concordou com a nossa opinião, de que as almas viviam e se moviam, como uma espécie de substância sidérea, bem perto de nós. Maravilhado pela extranha coincidência, de haver encontrado quem compartilhasse de seu ponto de vista, garantiu que êle, não só estava convencido disso, mas que applicando um seu método psiquico, ainda não bem estudado, era capaz de demonstrar, — como se os espectadores, se achassem debaixo de uma hipnose parcial ou sonhando, — tudo que êles desejassem vêr: porém, eram necessárias três coisas: que Deus não fosse contrário à intervenção dos habitantes do outro mundo; que êstes também, estivessem dispostos a intervir em um acontecimento extraordinário e que uma terceira pessoa, servisse de «medium mudo», para desempenhar as funções de uma válvula receptora, presenciando e transmitindo as visões, as quais se reproduziriam, como se se tratasse do anteparo de vidro, de um aparelho de televisão. Surpreso com esta revelação fora do comum, pensei imediatamente, no próximo centenário de Batucatú. Que melhor ocasião para os nossos mortos, de poder voltar a ver os vivos e participar assim do regozijo geral, já que os que o podiam fazer, como se estava vendo, não tinham nenhuma intensão de visitá-los ?

O sr. Walther, aprovou a minha idéia, logo que a manifestei e ficamos de acôrdo, que uns dias antes daquela data, chegaria na cidade, para dar, por assim dizer, os últimos retoques, a esta parada mortuária. Foi combinado escolher-se uma pequena casa no fim da Avenida Don Lucio, nas imediações do cemitério, convidando para coadjuvar-nos, o meu amigo Vito Chiarella, viajante da casa Sultana.

Neste intervalo, andei meditando sôbre os riscos que podiam acarretar a nossa ousadia; mas lembrei-me de que Benvenuto Cellini, grande artista e homem de pouca brincadeira, acei-

tou o convite para assistir, à noite, no Coliseu, a uma destas intervenções, na qual, sem tremer, viu coisas do arco da velha, que o deixaram pensativo, pelo resto da vida.

Tendo ultimado os preparativos e tendo chegado o sr. Walther e o meu amigo Chiarella, na tarde do dia 14 de abril, lá pelas 11 horas da noite, demos as costas à cidade, ainda inteiramente iluminada e, a passos lentos e vagarosos, nos dirigimos à casa já escolhida, indicada por uma pequena luz, perto do cemitério. Lá, era a sala de espera, da casa dos mortos, todavia, a nossa fisionomia, expremia uma extraordinária resolução. Entramos, sem fazer nenhum ruído, olhando de dentro, como se nada fosse e com toda a calma, o campo da eternidade.

Era noite fechada; reinava uma quietude absoluta, uma paz profunda. A situação não era confortável, mas nós, invadidos de uma espécie de lúgubre entusiasmo, estávamos prontos a enfrentar os mortos, com a mesma coragem da qual deram prova Diomedes e Ulisses, heróis gregos, quando nas tenebras e sôzinhos, assaltaram os acampamentos dos Troianos.



Depois de haver palestrado alguns minutos, o sr. Walther ofereceu um cálice de elixir. Sorrindo, perguntei-lhe se aquêle licor, não era igual ao que o terrível «Velho da Montanha», ministrava, no tempo das «Cruzadas», aos seus sanguinários satélites, que andavam enchendo o mundo de crimes.

A poucos passos de nós estavam dormindo, os que tinham pago o tributo à morte. Os curiangos, cortavam, a vô oblíquo, o obscuro sereno, aparecendo e desaparecendo em volta dos túmulos; os curiosos, que os tivessem atentamente observados no seu vô irregular, teriam pensado, que assim procediam para não esbarrar nas almas, que flutuavam no ar negro.

O sr. Walther, mediu uns três passos, parando, — sem afastar a vista de um ponto, no qual, a nós parecia, existir um objeto que luzia na sombra, qual fôsse um olho aberto e fito nele, — fez um sinal, com expressão de comando. O seu aspecto, era em verdade trágico e para auxiliar a sua mímica hipnótica, nós ficamos passivamente indiferentes. Aquela fisionomia, era capaz de quebrar qualquer resistência, por forte que ela fôsse.

O meu companheiro Chiarella, estava firme como uma peróba.

Logo, começamos a ficar como paralizados e absortos em não sei que pensamento. Ele aproveitou êsse enfraquecimento, para nos conduzir até a porta do cemitério. Sem fazer um movimento perceptível, paramos ali á espera.

O luar era sinistro; mas Botucatú, continuava a ser iluminada, a oeste e a leste, produzindo um mar de chamas, que se tornavam mais fracas, para o nosso lado.

O relógio da igreja dos Franciscanos, batia meia noite. Como se pode ver, a situação continuava a ser tétrica e nós percebemos que de baixo daquêlê encarar impenetrável — em vista também dos seus gestos enigmáticos, que os faziam assemelhar a uma daquelas larvas crepusculares, que infestavam as ruínas dos castelos medievais — tôda e qualquer resistência, era inútil. Estávamos completamente a sua mercê, tanto é verdade, que a uma nova indicação, entramos dentro do «Campo Santo», parando ao lado direito da porta. A um novo aceno, compreendemos que tudo estava pronto. Leitores! Aquela hora! Meia noite! Sôzinhos! Em um cemitério! Para dizer a verdade, não sabemos dêste momento em diante, o que aconteceu ao certo. Contaremos só o que nos parece ter visto, ou ouvido, ou sonhado!

Aquêlê lugar, que desde os tempos mais antigos, fôra escolhido para conservar nas urnas, os ricos, (lá também, êles são privilegiados), que morreram de gangrena e para rastelar em um buracão, que por eufemismo se chama ossário, e com desculpa de que não pagam o aluguel de um metro e pouco de terra, os esqueletos às vêzes

roídos pelos cachorros, dos pobresinhos, que morrem de miséria: aquela lúgubre e solitária gleba sacra na qual uma vêz por ano, recitando um **De Profundis**, se levam umas flôres e se queima uma vela, e onde o único estrépito, que rompe o silêncio sepulcral, é o fragor das pedras que caem sôbre o caixão; àquela mística demora, se transformava em um oasis encantado, em grandioso parque, em um recinto de delícias. O reduzido terreno, se alongava em uma planície, interrompida por um labirinto de túmulos de alabastro, côr de rosa, recobertos de flôres desconhecidas, ao reparo de fileiras de árvores exóticas, que balançando-se ao soprar de um vento agradável, ofuscavam também, com a sua sombra, uma luz intensa de um verde claro, que vinha de um horizonte, côr de topázio; como se fôsse um grande tapete de nuvens transparentes, sôbre um mar azul.

Hoc fecit dextera Excelsi e lembrei-me da Transfiguração, sôbre o monte Tabor, lá, donde os apóstolos não queriam mais afastar-se porque: **hic manebimus optime**; — diziam.

Compreendí então que, de vêz em quando, Deus permitia que, abandonando as esferas altíssimas se refugiassem lá, os que haviam deixado seus despojos na terra; como as andorinhas, fugindo do lugar, onde os raios do sol começam a ser mais quentes, voltam a visitar as antigas campinas, recobertas de frescas ervas, nas quais se encontram as larvas, que servem para a alimentação dos filhotinhos.

Do ossário, onde estavam jogados promiscuamente, os assassinos e os assassinados, os homens cultos e os analfabetos; os honestos e os falsários; as prostitutas e as mulheres castas, surgiam inúmeras figuras celestiais; em grupos, ou isoladas. Tôdas elas, cheias de vida ultramundana, pois a morte havia em parte redimido os pecados e, em verdade, que maior humilhação para um sêr, que tendo tido a ousadia de medir as superfícies dos astros, quase imperceptíveis; de explorar as cavernas dos oceanos; de alçar-se até à estratosfera, ver-se, de um momento para outro, consumir na putrefação e ser jogado em um lugar imundo e reduzido a um pó nauseabundo?

Deus, assim castiga e redime as faltas de quem, plasmado para ser uma criatura de bem, quiz afastar-se, por orgulho, do caminho por Ele traçado. A matéria estava punida, mas as almas estavam purificadas! E aquelas, eram almas!



Separou-se de um destes agrupamentos, um espírito de baixa estatura, o qual andava gritando, com voz metálica: que todos os homens que desejassem visitar, momentâneamente este mundo, deviam juntar-se perto da porta do cemitério; que era esta a vontade de Deus e que a reunião, para voltar, seria feita no «Asilo dos Velhos». Quem assim falava, era Odorico Raimundo, vulgo Corneta o qual foi uma espécie de precursor, antecipando entre nós, a função da propaganda, feita hoje pelo rádio. Ele, andava enaltecendo pelas ruas da cidade, as qualidades dos produtos e a discutível honestidade dos negociantes, que haviam enriquecido em pouco tempo!... A tal anúncio, abriram-se as portinholas dos jazigos, aparecendo alegres, os que ainda estavam dormindo o sono da morte.

Começou a passar primeiro um tal, que balançando uma pasta de profissional, na mão, procedia com muito sossêgo. Olhou-me um pouco e disse: — Você, ao menos, não é como os outros e mostra ser amigo dos vivos e dos mortos; mas os meus, me deixaram aqui, sozinho!... como aliás hoje é de costume!... — Era o antigo causídico, dr. Sebastião Villas Boas.

Um terceiro, (foi homem de cor) que estava com pressa de enfileirar-se, interrompeu o andar e: — Não me conhece? Sou Maranhão, e gerente do «Hotel dos Presos».

— Maranhão! — respondi — mas quando você era vivo, parecia um carvoeiro!

— Mas agora, sou como anjo!...

— Ah!

Vi um quarto que com uma trena na mão, fingia medir os espaços entre os túmulos. Parecia mostrar-se preocupado em tal serviço.

Reconheci nele o agrônomo Atílio Panizza. Homem justo e sério, foi o primeiro a dividir as nossas terras, dando igualmente a cada um, o seu quinhão, sem deixar nada para si!... Dêstes homens, perdeu-se a raça.

Perto dele, passou, trotando, com um velho chapéu à mexicana, e segurando com a mão direita, os bordos do paletó, Pedro Ventania. Deus, o tinha condenado àquela penitência, porque com a sua mania de correr, nada de útil fez neste mundo.

Em lugar mais afastado, meio deitado sobre um monte de pedras velhas, manchadas de gotas de cêra branca, com o cotovêlo no chão e sustentando com o mesmo braço o seu rosto, descobri o Cap. Tito de Mello, antigo chefe político que presenciou a chegada das primeiras levas dos famosos imigrantes italianos. De vêz em quando, olhava amorosamente um enxu de marimbondos, que pendia de uma cruz. E' sabido, que êste tipo original, mantinha penduradas na porta de sua casa, estas vêspas, que a um seu particular assobio, voavam furiosamente em volta, para não deixar entrar visitantes (êle, já havia visto de longe), que não eram seus amigos ou partidários.

Assim, confusão, alegria e reboliço, alternavam-se a cantos paradisiâcos, a brincadeiras, a inocentes folias.

Quantos conhecidos eu ví!... E todos cumprimentavam-me! E continuavam a levantar-se das covas e a pular do ossário, uma a uma, aquelas beatas almas divinas, com a leveza com que o pistilo das plantas ribeirinhas, sacudido pelo vento, vai ganhando o espaço, em um balouçar gracioso. E subiam; estendiam-se em fileira; fechavam-se em corôa; deixavam-se cair em baixo, como quando na primavera, as borboletas, livres do casulo que as prende, tentam, balançando-se com as asas ainda inespertas, alcançar o sol que as doura, para depois, descer e pousar nos prados, pontilhados de flores multi-côres.

No canto do cemitério, à minha direita, uns músicos, em um conjunto folclórico admirável, estavam reproduzindo as modinhas populares, d'outros tempos. No centro, se encontrava Gaetano Morini, o nosso Brodo, o qual todo alegre e mostrando as carnes pelos buracos da vestimenta, cantava alto, mas bem entoado:

«Teresina del mio cuore,
 Vieni in basso a far l'amore,
 Noi, con l'unto di padella,
 Frigerem la mortadella».

Com a sanfona, que alegrou, nos bons tempos, as núpcias dos nossos colonos, o velho Titon, que gostava do vinho, reforçava o canto; Pascoal Stumpo, o encanador de tôdas as nossas casas, com uma grande assadeira de cobre, que parecia o disco da lua, quando é velada por uma nuvem, batia nela, fazendo-a ressoar, como se fôsse um pandeiro e, ao mesmo tempo, marcava com o pé, o compasso, a Pedro Delmanto Colosso que, havendo juntado todos os copos, (ainda continham dentro algumas flores) encontrados sobre as tumbas, os fazia tinir ritmicamente, à moda de um címbalo; como estava acostumado a fazer em seu Bar.

Do lado contrário, outro quarteto, executava um programa clássico. Ensaiava naquêl momento, o **Agnus Dei** da missa de Papa Marcello. Estavam lá, Andrea Rocha, com o rabecão; Pedro Avelino com a flauta; o cáustico jornalista Luís Cardoso, com o piano e Baptista Dal Farra, com a harmônica que o fez conhecido em todo o sertão.

No meio dêstes dois grupos de artistas, sentado sobre o degrau de uma sepultura meio demolida, Vicente Garavelo, o Vulcão de Botucatú — que foi benemérito da nossa lavoura regional, por ter sempre reparadas as ferramentas agrícolas — andava, com um martelo, alternando os golpes, sobre uma bigorna de prata, acompanhando o canto dos músicos.

— Oh gente beata ! — pensei comigo — Esta sim, que se chama felicidade eterna !

Interessado em observar outras coisas, pude ver, encostado em um pilar côr de cinzas, com

as mãos nas costas e sacudindo a barriga de tanto rir, o antigo servente da Escola Normal, «Virgilão». Caçoava do velho professor Carlos Knuper, seu vizinho, que estava presente e se queixava de que, apesar de haver ensinado a ler e escrever a todos os moradores de Botucatú, estes o tinham esquecido, quando, continuava êle a dizer: Alexandre o Grande da Macedônia, tinha poupado a destruição de Estagira, pátria de Aristóteles, unicamente por haver nascido lá, êste seu grande mestre!

Já uma quantidade enorme dêstes visitantes extraordinários, se aglomeravam perto da cancela, mas, demorando esta a ser aberta, palestraram por um minuto, com seis espíritos que estavam jogando tresete, sôbre o primeiro túmulo, à direita de quem sai do cemitério.

Eram Serafim Blasi, fundador da grande industria omônima; Decimo Cassetari, Adolpho Pardini e José Bolognini. Outros dois que estavam de pé, zombando dos que perdiam e prontos a substituí-los no turno do jogo, eram Angelo Milanesi, iniciador da florescente fabrica mecânica do mesmo nome e Guilherme Zanotta, negociante, que a fortuna e as contrariedades domésticas não favoreceram.

Ao convite de juntar-se a eles, o Bolognini, respondeu: Precisaria ter coragem, para voltar lá, com o vinho Chianti a tal preço! . . .

Deram risada os que saíam e voltando a cabeça do outro lado, descobriram que, olhando longe, com as costas no muro, os cotovelos sobre este e as mãos na boca, três velhos caçadores, José Peduti, Angelo Lovato e Joaquim «Capivara», conhecido por esta alcunha, procuravam imitar o canto das perdizes e outros pássaros do mato.

— Vamos? — Gritaram muitos.

— Boa viagem, — respondeu um dos três. — Nós fomos bem felizes, em ter morrido antes de vêr a destruição da fauna das nossas terras; hoje, nem corujas encíma dos cupins, vocês encontram. —

Tendo aberto o portão e saído já diversos, um bem intencionado, procurava pôr ordem naquella aglomeração.

— Eh! — interrompeu um; — você Eurico de Almeida, pensa que estamos no 1.916, quando ensinavas a marchar aos escoteiros ?

— Esperem, esperem; — ouviu-se gritar de longe.

Era o pândego Lulú Machado, que vinha correndo, para ir dar, como ele dizia, um abraço ao seu irmão Menotti.

No instante em que estavam para mover-se, perceberam, que um sinal feito do lado esquerdo os convidava a parar. Pararam; reconheceram logo, aquela boa alma, do velho sírio João Rafael, que calmo e com o sorriso que lhe era habitual, disse:

— Vossemecê, vão «bara» lá eh?... Dêm lembranças a meu filho Tufy e também, «bara» Gabriel Moyses e «bara» Adib Tarchis; também... e...

— Daremos o recado; — interrompeu Lulú; sorrindo.

João Rafael, retirou-se satisfeito, em companhia de um muçulmano daqui, convertido ao cristianismo. Este, vestia à moda do grande Saladino: túnica e manto branco; a cabeça era coberta pelo turbante, enfeitado com uma grande meia lua, dourada, que luzia ao longe.

Sendo já muito grande, o número dos que se tinham apresentado, resolveram encaminhar-se, mas, no mesmo momento, apareceram mais seis, curiosos em querer dar um pulinho para fora do mundo de lá. Dois destes, eram os antigos capangas Domingos Rocha e Belisário. Segurando uma palma na mão, trajavam o hábito da Ordem Terceira dos frades. Tôdas as vèzes que a Misericórdia Divina, lhes permitisse voltar entre nós, eram obrigados a vestir daquela moda, em reparação das façanhas por êles cometidas quando vivos. A palma, deviam procurá-la na Síria, sôbre o monte Líbano, cobrindo a distância, a passo e não voando. Assim, em lugar da faca, a palma.

Os outros quatro, eram os tristes ministros da morte; os que nos prestam o último serviço sôbre a terra; os que sempre caminharam sôbre

os nossos ossos, até o dia da sua partida daqui: eram os primitivos coveiros da cidade. De carancuda aparência, de olhar apagado, com a barba branca, suja de terra, não mostravam nenhuma alegria, por encontrar-se em companhia de tantas almas.

A solidão, era o que estavam procurando. Carregavam sobre os ombros, umas pás que lhes serviam na profissão, e sobre as quais estava escrito: *hodie mihi, cras tibi*; hoje, é para mim e amanhã, será para ti! . . .



Em frente a Estrada de Ferro, que liga esta com a cidade de Avaré, a distancia mais ou menos de dois quilometros em linha reta, me foi possível, no meio de tantos, individualizar certos que pareciam estar reunidos em consultas. Eram: Brasil Machado, o mais ancião; o velho Cardoso, Sebastião Pinto da Conceição, Francisco Lotufo, Conceição da Serra Negra, Francisco de Paula Carvalho, Adolfo Cesar, Abílio de Almeida e o farmacêutico José Arnaud Avelar Pires.

Homens integros, demoraram longamente entre nós, sem procurar locupletar-se com artimanhas, a custa dos fracos, mas predicando e praticando de verdade, a fraternidade humana. A cada um deles, podia-se aplicar aquele verso do poeta:

«Natura il fé, e poi ruppe lo stampo».

Uma grande parte deles, a qual ajuntavam-se outros zelosos, planejava mais ou menos a possibilidade de dar um pulo, todos em grupo, ao Santuário de Santo Antonio de Pádua, erigido no cume mais alto daquela cuspide vulcanica, que é Rubião Junior. O mais interessado, era Sebastião Pinto da Conceição.

Eles estavam informados, que por cinquenta anos ininterruptos, desafiando as tempestades e o frio, arrastando-se até, às vezes, andava lá em cima, trepando, todas as tardes, a passo lento

e rezando piamente, um modesto sitiante italiano chamado Frederico, com o único fim de ali acender uma vela ou uma rústica lamparina, alimentada com sacrifício, de puro azeite de oliveira, em homenagem ao Santo patrono do lugarejo.

Oferta bem humilde, por uma fé tão sublime! E isto na ocasião em que os Americanos, inventavam a bomba atômica para massacrar a humanidade!

Mas a imensa reunião dos aparentes ressuscitados, andava ondulando animadamente, querendo sair e por tanto adiaram a romaria.

Aproveitando d'um intervalo momentâneo, surgido entre os preparativos da reunião e da saída, e apesar de estar eu já informado desde princípio — por ter o tal Odorico falado — queria saber de algum dos presente, qual o verdadeiro motivo da falta das mulheres.

Perambulava perto de mim, com o peito esticado para frente e o passo comprido como os dos granadeiros da Pomerania de Frederico II, da Prússia, um tal, que mais amigo do descanso que das aventuras, parecia ter pouca vontade em percorrer as ruas da cidade.

A' primeira vista, o julguei um português e era mesmo português. Reconheci-o, logo que parou na minha frente, por um meio safadão, o qual de dia, fazia propaganda entre as mulheres casadas, de seu conhecimento, enaltecendo as vantagens da emancipação conjugal, e de tarde, na semi-obscuridade, ensinava as empregadas encostadas no muro atrás do portão da casa das patroas, as sete Virtudes Teológicas.

Uma vez porém, querendo fortalecer as suas instruções com um exemplo prático, recebeu uma descarga de mostarda na nadega esquerda, que o fez andar manco por todo o resto da sua vida.

Depois de morto, tendo se apresentado lá em cima, perante o tribunal Divino, foi perdoado, por haver sofrido bastante neste mundo e por ter sido objeto de ridículo e desprezo por parte daquelas mulheres, por ele tanto cobiçadas.

Quando chegou mais perto, abordei-o:

— O Zé! — gritei.

Virou-se.

— Chamo-me Joaquim — disse.

— Joaquim de Balaclava?

— Não brinque com os mortos.

— Não se zangue; não está vendo que você é fôfo como um pacote de mofó e eu sou maciço, como um fardo de algodão prensado?

A comparação o persuadiu, e sorriu. Fazendo um movimento interrogativo com a cabeça, continuei:

— Diga-me, e as mulheres?

— Deus sabe o que faz patrício... — respondeu.

— Patrício não, — interrompi depressa — porque eu sou italiano, da mesma terra de Dante Alighiéri, que esteve aqui também, no meio dos mortos, alguns séculos atrás.

— Então, senhor Dante Filibustiéri... — repetia êle... Mas, enquanto estudava a frase com que continuar, eu pensava comigo: será que o meu rosto é parecido com aquêle de um filibustiére? Em seguida, para não desmenti-lo no seu engano, ao julgar-me Dante Alegihiéri, improvisei uns endecassílabos mais ou menos dantescos e declamei:

«Oh tu, que desceste do alto do céu,
Alma cheia de virtude divina,
Aonde estão as mulheres sem véu?»

Não é que o português, se inchou como um sapo e respondeu com ênfase:

— O Grande Deus sabe o que faz; — e com fleuma, continuou, o bilontra; — como as mulheres, na vida passada, deram muitas dores de cabeça aos pobres homens, vigiando-os continuamente, e esvaziando à noite os bolsos deles, assim não lhes foi dada licença para acompanhá-los neste passeio, que pela sua breve duração, não deve ser interrompido com paradas, para cá

e para lá, sustando por exemplo, em frente à Casa Paganini, para contemplar os sapatinhos de couro de lontra, ou em frente da casa Excel-sior, para admirar as lindas modas dos brilhantes mostruários. E há mais coisas: algumas delas, não tôdas, são obrigadas por um determinado tempo, a passar simbólicamente a cêra, no chão do Paraíso e isto por terem-se mostrado muito exigentes para com as empregadas, que desempenhavam na casa delas, o mesmo serviço. Em vista disso, Deus, na sua infinita bondade, julgando que ficar quase um dia inteiro curvadas sôbre o chão, é coisa inumana, decretou que as partes fôssem invertidas, incumbindo as empregadas, que já morreram, de vigiar no céu, o serviço das antigas patroas. Agora porém, meu amigo Filibustiéri...

— Alighiéri, — corrigi.

— Vou dizer outra coisa; a cada um a sua parte; não pense que as criadas sejam farinha para fazer biscoitos, porque se algumas possuem escassas qualidades domésticas, as outras são linguarudas, desonestas e ladras. Compreende, senhor Filibustiéri?

— Alighiéri. — corriji de novo; — mas o português era duro.

— Portanto, — acabou êle de dizer — a lei divina, é justa: olho por olho, dente por dente, está escrito na Sagrada Escritura. Trata-se de compensação da injúria; é caso previsto também pelo código penal.

E Joaquim de Balaclava, cumprimentou-me, afastando-se e rindo maliciosamente, convencido, por ter mal entendido no princípio, que eu fôsse Dante Aleghiéri de verdade, reincarnado! Que diferença!

No entanto, o «Campo Santo», que como já foi referido, tinha-se convertido em uma enorme campina, recoberta de desconhecidas flores ondulantes, de tôdas as espécies, iluminadas por uma luz irresistível, do mesmo esplendor da que se expande após a explosão de um ráio — era cortada, em todos os recantos, pelas almas redimidas, as quais pareciam não haver tomado nenhuma decisão, na espera provávelmente de alguma novidade. E a novidade afinal surgiu.

Sôbre as esferas, a uma imensa altura, estava atravessando o espaço com a velocidade de um relâmpago, uma larga tira luminosa, da qual desprendiam-se feixes de faíscas brilhantes, que caíam como uma chuva de estrelinhas miúdas. Místicos cantos celestiais chegavam nitidamente aos meus ouvidos. A tal aparição, os que estavam lá, abaixaram a cabeça, curvaram os joelhos, e começaram a entoar umas preces, como de gente que se humilha.

Lembrei-me então, dos antigos guerreiros da Suíça, que, todos vestidos de ferro e com a ameaçadora ponta das lanças erguidas para o alto, ajoelhando-se no chão coberto de neve, implorando ao Deus dos Exércitos, sua proteção na iminente batalha. Aquelas preces, revocavam na minha mente, a ária do côro dos Lombardos no momento em que, morrendo de sede, nas áridas terras da Palestina, cantavam comovidos:

«Oh Senhor, que do bérço nativo,
nos chamaste com santa promessa,
nós corremos ao convite d'um pio
depravando pelo duro caminho».

A visão celestial, parou e desapareceu sôbre o Asilo dos Velhos, ficando só, balançando-se no alto, uma pequena nuvem branca, igual a que guiava no deserto, os Israelitas, depois da fuga do Egito.

Ninguém neste mundo a podia enxergar, a não ser os privilegiados que se achavam lá e nós três, por causa da anormalidade do nosso estado psíquico. Em um átimo, levantaram-se todos, colocando-se na espera...

E a marcha dos mortos em visita aos vivos, começava.

A obrigação ficava invertida.

«Voilà le monde»!



Transcorridos alguns instantes, saiu fora daquele ajuntamento, uma venerável cabeça, intei-

ramente branca, com um rosto sereno que parecia sorrir; sorrir, ao contemplar de novo os raios fracos das luzes d'êste mundo, transmitidos de longe, e que não via há muito tempo. Era o Cel. Rafael de Moura Campos, antigo presidente da Câmara Municipal, no tempo em que, nas ruas de Botucatú, corriam leite e mel. Virou-se, ergueu-se de pé e, levantando uma bengala:

— Devagar! — disse — os mais velhos nas primeiras filas; psiu!

Obedecendo à sua ordem, os de mais idade, deram alguns passos à frente e, entre êstes, Aleixo Varoli, um dos sete primeiros italianos que atingiram a Serra. Em meio a dificuldades enormes e, superando perigos de tôdas as espécies, partindo de Itu, êle fez o trajeto a cavalo e aqui fundou, a única e primeira fábrica de produtos de mesa, trabalhando sob a razão social de Aleixo Varoli e Pedretti. Floresceu por muitos anos, e levou bem longe pelos sertões, o nome de Botucatú.

Apresentou-se em seguida, Daniel Carlos, oriundo de Portugal. Versado em química orgânica, lançou no comércio o «Elixir M. Morato», fórmula farmacêutica, que ainda hoje, goza de boa fama, como depurativo do sangue.

Avançou, em seguida, o dr. Juca Cardoso, prestigiado Secretário da Justiça. Durante o tempo que esteve no poder e depois também, fez muito pelo nosso povo, facilitando a compra do material para a instalação da luz elétrica e para conduzir a água potável. Posteriormente, favoreceu a fundação do grupo escolar, que ainda hoje trás o seu nome. Já fora das atividades políticas, contribuiu generosamente, para a ereção da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes. A seu lado, se fez largo, de cabeça alta, com pé firme e bigodes erguidos, o Cel. Amando de Barros; exprimia ainda na fisionomia a antiga energia. Homem ativo, constante em suas amizades, e filantropo sem ambições, foi o braço direito do Cel. De Moura Campos, na administração prolongada da cidade.

A todos que se apresentavam, José Dal Fara, sentado à porta e conhecido bilheteiro do teatro Espéria, dava e contramarca.

Vieram reunidos, o dr. Rafael Sampaio, Antônio de Barros e Juca Galvão, o qual apesar das recomendações, não parava de gritar, como era seu costume. Mas de todos os presentes, o mais jovial e apressado, era o Cap. Pedro Amando de Barros; cotucava os companheiros e, esfregando as mãos, olhava o horizonte, na impaciência de ver logo os seus filhos. Os restantes, procediam com camaradagem, conversando amigavelmente, porque é verdade que tinham sido antigos adversários políticos, mas:

«Oltre il rogo, non vive ira nemica».

A roda, não se via coisa alguma; a noite ia avançando; os arredores, tornavam-se mais desertos e, havendo-se levantado o vento, as árvores dos quintais, sacudiam os ramos com fúria crescente. Ter-se-ia dito, que adivertiam da passagem daqueles novos hóspedes, os quais mostravam uma animação sinistra.

O primeiro lugar que despertou a atenção deles, foi o campo da Associação Atlética. Estavam lá, jogando uma partida amistosa, os veteranos da mesma: Garmesi, João Branco, Campos Mello, Coelho, Nenê Machado e outros. Este conjunto, em 1920, poz quasi em perigo a invencibilidade do Palestra Itália.

A bola, era incandescente; cortava o campo com uma velocidade espantosa, girando ao redor de si mesma, como acontece no movimento da terra.

Sendo conhecidos do outro mundo, se cumprimentaram e, prosseguiram. Afastando-se do «Stadium», passaram em frente a um velho e baixo casebre, que lembrava a casa de Bauci e Filemone, da mitologia.

— E' o albergue noturno da cidade, de propriedade da Elisa Cresti; — disse Levy de Almeida, que havia chegado naquele instante; êle foi o dinamo do Correio de Botucatu e morreu imaturamente, em 1918.

— Lá dentro, — continuou; — à noite, os homens sérios, se tornam palhaços e as mulheres desprezadas de dia, são veneradas. Metamorfose da moral!

— «Não ragioniam di lor, ma guarda e passa», — interrompeu, em tom grave, a voz de um sacerdote italiano.

Internaram-se em uma rua silenciosa e seguindo uma certa direção, tomaram pelo caminho mais curto chegando às vidraças da Casa de Misericórdia. Olharam dentro; tudo era silêncio; somente três pessoas vigiavam no salão; eram: o benemérito dr. Antônio Costa Leite, Nello Cariola e José Bissacot, que foi a alma do desenvolvimento de Vitoriana. Retirando-se de lá, se defrontaram com os dois facultativos, dr. Rodrigues do Lago e Teixeira Guimarães, que vinham rendê-los, juntos ao Cel. Victoriano Villas Boas.

Neste ponto, separaram-se dos companheiros, Aleixo Varoli, Daniel Carlos e Rafael De Moura Campos. Queriam visitar os arredores.

O primeiro, foi bater na Sociedade Italiana de Beneficência. O zelador, Antônio Pecoraro, que já estava lá, aparecendo, disse-lhe:

«Or li aspettate invan, son tutti morti»; — e fechou a porta.

Consternado pela notícia, o visitante recuou e, do alto da travessa, deu uma olhada à propriedade que foi sua. Percebendo que estava tudo destruído, abaixou a cabeça, retomando o caminho da eternidade. Logo o alcançou Daniel Carlos, também desiludidos. Os dois desapareceram sem esperar Rafael De Moura, que em um relâmpago, tinha ido visitar a sua fazenda. Lá, em vez de ensontrar aquela «italianada», que êle estimava tanto, de foices e enxada na mão, achou gente nova de pouco valor. Regressando, costeou a sua casa, mas não a reconheceu, apesar de que nela devia morar aquela pérola de brasileiro que era seu genro, o dr. Amaral Gurgel. Na expectativa de não encontrá-lo, ou de haver errado, evitou apresentar-se, notando todavia, que do porão, desprendia um forte cheiro de fumo de Tietê. Deu as costas àquela residência patriarcal e, querendo homenagear a igreja de Nossa Senhora de Lourdes, encontrou um pobre monge que, no meio das sombras e de joelhos na calçada, estava em frente ao templo, em atitude de quem reza com fervor. Reconheceu Frei Jacinto M. da Prada, antigo superior

do convento. Alma cândida, passou por êste mundo, fazendo bem para todos.

Neste intervalo, os companheiros, — aos quais se reuniu mais adiante, — desciam as travessas, olhando para lá e para cá, para descobrir alguma novidade e, como os mortos são muito curiosos, especialmente para saber se os vivos, continuam a fazer das suas, como eles tinham feito antes, encostaram a orelha na porta de uma casa, da qual saía o barulho de uma pequena brigada doméstica.

— Não pense vender-me gato por lebre; — dizia a esposa ao companheiro. — Tôdas as vezes que você volta de São Paulo traz vultosos presentes para tapar-me a bôca e tirar-me a vontade de intrrometer-me nos teus negócios; mas numa vez ou outra!...

— Eh! querida; — respondia o marido brincando; — precisa o flagrante porque sem êle... Deus é grande e o mato maior.

Um pouco mais abaixo, em pé sôbre a calçada, duro como um pilar, um italiano da Calábria, com um suspensório de couro na mão, estava esperando a filha, que àquela hora, ainda não havia voltado do cinema. Bom sistema para evitar a caída das môças, sem recorrer depois ao juiz, quando tudo está perdido, acabando às vezes, por se condenar quem chegou por último!...

De uma outra morada, na qual de certo residia gente abastada, vinha romper o silêncio da noite, o som melodioso de uma orquestra sinfônica, que acompanhava o canto, de um tenor célebre.

— As coisas vão melhorando nesta cidade; — observou Levy de Almeida; — orquestra em casa!... nem os príncipes a podem sustentar!

Para justificar esta picada, do antigo redator do «Correio de Botucatú», precisamos salientar, que em seu tempo não se havia ainda começado a fabricação dos rádios em série.

Assim percorreram a rua Leônidas Cardoso, dobrando a rua Cesário Alvin, na qual depois de terem caminhado alguns passos a atenção deles foi atraída por dois espíritos que estando senta-

dos sôbre os degraus da escada que conduz ao plano superior do Departamento Geral de Filmes, estavam conversando amigavelmente. Apesar de não se lhes dar importância, por parte de alguns, que de certo não tinham tido relações com êles neste mundo, o ar de nobilidade que transparecia do rosto e de tôda a pessoa, os tornava interessantes. Por parte da maioria ao contrário, foram facilmente reconhecidos. O mais jovem, vestia uma farda cáqui amarelo, com paletó de largas pregas, uniforme que êle usava quando ensinava ginástica na Escola Normal; o mais velho, se impunha pela sua fisionomia patriarcal. Um, Azor de Araujo, ceifado pela morte no vigor dos anos, foi incansável patrocinador da abertura de um depósito para a distribuição de filmes no interior; repartição esta que até hoje, absorve a atividade bem remunerada, de dezenas de rapazes e moças. Era infinitamente bom e a simpatia tributada por parte de todos à sua memória, é a prova das suas virtuosas qualidades, cívicas e domésticas. O outro era o Cel. Mateus Gomes Pinheiro Machado. Descendente de conceituada família; agricultor inteligente, era um espelho de probidade e firmeza. Eram velhos amigos quando vivos, porque Azor Araujo, na qualidade de guarda-livros das indústrias Lunardi, frequentava o Bairro da Estação e o sr. Mateus Gomes Machado era constrangido a passar por aquêl districto, quando de visita a uma sua propriedade campestre.

Os dois, lastimavam não ter podido aproveitar-se da bondade divina, a qual lhes tinha permitido visitar a cidade para ver, ao menos de longe, os seus familiares; coisa esta que não foi possível, porque a senhora Azor, encontrava-se em São Paulo com um filho e lá estava também o sr. Paulo Gomes Pinheiro Machado, juiz desembargador, junto ao irmão Raul.

— Ah! que Deus abençoe e prolongue os dias dos nossos caros! — disse o velho Mateus Gomes, levantando-se com o seu amigo Azor e aproximando-se os dois, a um grupo de espiritos bizarros, que protegendo com a mão os olhos, incomodados pela luz da Praça Del Prete, fitavam de lá, um bloco piramidal, resplendente de diversas cores, que dava a idéia de um alto marco, sôbre o qual tivesse caído ferida, uma grande arara, de azas abertas e coloridas.

— Ou é um vagalume fenomenal, ou uma lanterna mágica! — disse rindo e fazendo rir, Paris Bresciani, marmorista genial, que antes de todos, introduziu o plausível costume de erguer, no nosso Cemitério, túmulos artísticos, em substituição aos tijolos friáveis e às rústicas cruzes de madeira.

— Mas que lanterna mágica! — ouviu-se gritar. — A nossa municipalidade, foi muito previdente em levantar aquêl característico vaso chinês, que, como um farol nas margens das praias perigosas, dá a conhecer, aos notívagos retardatários e aos que durante o dia tomam banhos prolongados de cachaça qual é, no meio da obscuridade intensa que provoca arrepios, o verdadeiro caminho, que com passos incertos e cambalantes, devem percorrer em direção a suas casas.

Esta sarcástica observação, feita por um fiscal que estava acostumado a analisar diariamente, por conta própria, o grau alcoólico das diversas qualidades do destilado de cana, foi acolhida com ilaridade geral, que cessou, quando um extravagante, descobriu e indicou alguns fios de metal, esticados de través a duas grandes astes, que na extremidade se uniam, conjunto este, que por ser iluminado pelas luzes, fazia lembrar as teias de aranhas, quando após a chuva, são atingidas pelos raios do sol. Era uma antena de televisão.

— E' um novo tipo de «atrái-ráio» — explicou-se — porque, sendo alguns proprietários pobres refratários a demolir casas que devem ser substituídas por novos prédios, quem se incumbiria desta tarefa seriam, dêste modo, as descargas elétricas; as pontas atraem a eletrificada. E' uma lei física. —

Esta explicação, foi dada por José Noschesi, velho e formidável mecânico, que como Massinissa, chefe da irresistível cavalaria Numida, brandia, há noventa anos, a lança no campo de batalha, assim êle, manobrava o martelo, sôbre a bigorna. Era pai do sr. Antônio Noschesi, proprietário da grande fábrica, do mesmo nome.

— Diga-se o que se quizer; — interrompeu um professor de História Natural, de uma escola superior; — tudo isto para mim, não passa

de um trampolim, do qual, na falta momentânea de magnetismo atmosférico, que os deveria guiar, se servem os bandos de andorinhas, quando se preparam a levantar vôo, para emigrar.

Assim, prosa vai e prosa vem, conseguiram reunir-se todos novamente na praça Del Prete, em frente aos escombros do Teatro Espéria, antigo Santa Cruz.

Aqui o grupo foi alcançado por Carlos Corsi, antigo estafeta da Sorocabana e construtor. Atraz dele chegaram Agenor Nogueira, Joaquim Leandro de Oliveira, Henrique Reis e o Major Nicolau Kuntz.



O prédio desmoronado, estava lá, ainda imponente na sua ruína, contornado de modernas consetruções, que pareciam homenageá-lo; como a secular peróba, que, havendo assistido, ao desenvolvimento exuberante, das plantas mais humildes, se for atingida por um ráio, perde é verdade, as folhas e a sua fôrça, mas continua sempre de pé, para testemunhar o seu vigor antigo.

Quantas memórias, não conservava êle, o patrocinador da arte dramática! Quantas personagens não pisaram o seu palco! Quantos gritos, quantas algazarras durante os bailes! Quantas olhadelas furtivas e quantos beijos na hora do cinema! Oh! Se êle pudesse falar, o velho abatido gigante de pedra!

— Será que não nos encontramos em outro lugar? — disse um tal. — Estou cismando que estamos em Roma. Aquela fachada é bem igual, ao que resta do «Arco do Triunfo de Constantino», ou se não, é um pedaço da frente do Coliseu de Vespasiano.

— Você, — disse outro gracejando; — não está muito fora do trilho, porque ve-se realmente, que lá atrás, estavam dispostas as «caveas» dentro das quais, fechavam-se os «leões italianos», que de vez em quando, soltavam rugidos e se engalfinhavam entre si.

— A Câmara Municipal! — interrompeu um terceiro, indicando-a.

Em bloco e empurrando-se, se precipitaram para dentro. Recebeu-os, Bruno Costilhas e João Alípio. Depois de haver dado uma olhada sumária:

— Que Câmara Municipal nada; — observou Juca Galvão. — Este é o Palácio 9 de Julho!

— Nós também somos de parecer que estamos fora do caminho; — disseram outros com a boca aberta e de olhos atentos.

— Mas que luxo! que grandesa! — Repetiam os restantes.

— Nessas altas cadeiras estofadas, embutidas de couro retalhado a baixo relêvo e prêso com tachinhas douradas, sentem-se os nossos «Patres Conscripti», profundos legisladores os quais, promulgam leis economicas que poderiam ser transcritas no Digesto! — continuou Galvão.

Observando as paredes, percebeu que nelas, não estava dependurado nenhum retrato dos passados administradores!

O material indispensável, havia em profusão: papéis, tintas, canetas e lápis.

Passando em revista o registro dos impostos, descobriram cifras astronômicas e se espantaram com a taxa da água.

— Provavelmente, deve estar misturada com vinho; — disse Antônio de Barros, que foi secretário por longo tempo.

Mas, o que mais os impressionou, foi o diminuto número das indústrias: três fábricas de doces e três tanoarias, uma das quais equipada com maquinaria moderna, para produção em larga escala; uma fábrica de peneiras e uma de espelhos; duas fábricas de cerveja, uma de alta e outra de baixa fermentação; uma grande fábrica de bebidas, que teve os seus produtos premiados no exterior; três fábricas de chapéus; uma fábrica de móveis; uma fábrica de seda e uma de fósforos, além de outras de menor importância.

Tôdas estas indústrias, que atestavam o dinamismo financeiro da cidade, eram apenas substituídas por uma única fábrica de fiação, que dava trabalho a menores, de sexo feminino e cujo ordenado, de acôrdo com o serviço, não alterava a situação econômica das famílias. E' inútil dizer que nenhum dos presentes, culpou diretamente, dêste regresso, a qualquer dos administradores viventes. Notei, que os mais interessados, em conhecer a situação das fábricas, eram dois espíritos, um dos quais, batendo-me com força nas costas, gritou: — Ohe! — Ohe! respondi.

Eram, Vergílio Lunardi e Petrarca Bachi, industriais bem natos. O primeiro, mostrava-se alegre, vendo a prosperidade de suas casas; o outro, estava triste pela estagnação de seus negócios; sômente reanimou-se, quando pode verificar que seu filho Domingos, havia dado nova vida, a um dos ramos das suas atividades.

Tendo examinado e refletido, o Cel. Amando de Barros, dirigindo-se ao Cel. De Moura concluiu: — Na verdade é tudo admirável; honra seja feita; mas que diferença de receita, apesar de que os tempos mudaram!... Nós, em uma época, em que se precisava construir e desenvolver e cidade, e construir é bem mais difficil que prosseguir adiante; nós, digo, desempenhámos todos os negócios do melhor modo possível. Sete cadeiras de palha, de Jundiaí, em volta de uma mesa retangular de perôba; um retrato de Prudente de Moraes, e uma fotografia histórica, que reproduzia os arredores de Botucatú em 1872, constituíam tôda a nossa mobília.

— Eh! «Temporibus illis!» — replicou um, que havia morrido há muito tempo.

— Vamos, vamos; — interrompeu bruscamente o Cap. Pedro de Barros, que estava com grande ansiedade de ver a sua casa.

— Vamos, então!

Em meio a esta cordialidade mortuária e, comentando o que haviam já visto, passaram em frente ao Casino, no qual, em outros tempos, tocava a famosa orchestra de Luis Cardoso. Descendo mais, notaram que no lugar onde funcionava a confeitaria de Santo Scipelliti, tinha

surgido uma nova construção, de arquitetura futurista, e que não atraía muito.

— Aqui; — disse Levy de Almeida — em outubro de 1918, tomei o último chope gelado; foi a minha ruína. Dentro deste bar, todos gozavam de algum conforto. Lembro-me da cerveja germânica e dos cabritos, que custavam mil e quinhentos réis, irrigados com o Lambrusco espumante italiano, que se pagava também, a mil e quinhentos réis!

Um sentimento de surpresa invadiu a todos, quando avistaram de longe a mole iluminada do prédio, Pedro Amando de Barros. Pararam um instante, encantados e chegando mais perto, olharam de baixo para cima, colocando a mão na nuca, com o fim de sustentar a cabeça, que tinham inclinada para trás, para vêr melhor no alto.

— «Is splendid!» — exclamou em inglês, um dos presentes, que foi reconhecido como sendo um viajante nascido na Inglaterra que, em uma noite tempestuosa, voltando de Rubião Junior, por ter-se afastado do caminho, precipitaram-se, ele e o cavalo, em um buraco coberto, lá morrendo os dois, de morte horível. Em sua pátria a velha mãe, ainda o espera!

— Não falei eu; — declarou novamente aquele, que na frente do teatro Espéria já havia posto em dúvida a certeza do caminho; — que estamos fora do trilho? Nós, nos encontramos em Babilônia, porque somente lá, se levantavam estes prédios, que deviam desafiar os séculos. Quem não se lembra da tórre de Babel?

— Ma... ma... ma... maravilhoso! — disse o dr. Rafael Sampaio, que, quando vivo gaguejava.

— Doutor Rafael; — disse Pedro de Barros — você é gago até depois de morto. Eu só queria saber, quem é que sustenta, que neste ponto foi a casa onde moravam todos os meus; — e dando meia volta e tornando — não vejo aqui a janela da qual, aquela veneranda mãe que foi D. Olímpia de Barros, apreciava o passeio, tendo ao lado as duas noras: Nicota Monteiro de Barros, minha esposa e Rita Decasia Sinhá, esposa de meu irmão Joaquim.

Indiquem-me, vocês, a outra janela, da qual o outrora estudante dr. Alcides Ferrari, em um discurso de ocasião e entre as aclamações do povo, anunciou que o governo havia resolvido dotar a cidade com uma Escola Normal?

— Pedro! — rebateu o Cel. Amado; — você, é dos antigos e tudo isto é moderno; você não reparou que esta maravilhosa construção, como a definiu o dr. Rafael Sampaio, é um monumento erguido em sua memória?

«Aedificas, quasi semper victurus».

«Vives, quasi statim moriturus»; — resmungou gravemente, o sólito sacerdote.

— Seja como for, é preciso reconhecer que o Amaral de Barros, que se propoz completar esta fabulosa empreitada, é «homem de peito»; precisa ter fígado, como se diz. Se eu pudesse encontrar-me com ele, o que não é mais possível, iria sugerir-lhe que associasse a utilidade econômica, à filantrópica, destinando o último andar, aos reumáticos e asmáticos, porque assim, no tempo do frio, lá em cima, ou sarariam logo, ou morreriam! . . . O Brasil, não precisa de gente inválida. Esparta, já nos deu o exemplo, jogando do monte Taigeto, todos os corcundas, cegos e mancos; caso contrário, as mulheres Espartanas, não poderiam ter dito, aos que naquela idade de ferro, seguiam para as Termópilas: «aut cum hoc, aut in hoc». — Quem fazia curiosamente esta observação, era Nello Pedretti, espírito arguto e que foi um dos primeiros tipógrafos independentes, na idade de ouro de Botucatu.

Os discursos teriam prosseguido, mas, repentinamente, às conversas, seguiu-se um silêncio religioso. Uma coisa extraordinária, fêz parar todos os movimentos. A enorme massa daqueles visitantes, tinha observado, que no meio das sombras noturnas, um relâmpago intermitente, apresentando as côres do arco-iris e visível só por êles, atravessava o espaço de céu, entre o cemitério e o Asilo dos Velhos. Portanto, sobre este retiro, se preparava alguma coisa de grande novidade, pois êles sabiam que tal sinal, já combinado, era usado no céu, só para indicar as grandes reuniões, dos beatos espíritos celestes.

Cientes disso, serraram as fileiras. Reto-

mando o caminho de volta, deixaram de lado qualquer outro itinerário mais extenso, e iniciaram a subida, depois de haver passado pela rua Rangel Pestana. Andando, conversavam. Evocavam os bons tempos antigos e se lembravam das filas de cavalos dos colonos, amarrados em frente aos negócios, na espera dos mantimentos; as radiantes festas das fazendas; o confuso gritar dos banquetes rústicos; das vozes altivas dos administrados, do som das sanfonas; do tinir dos copos e pratos sôbre as mesas; das gargalhadas dos moços e da voz mais suave das mulheres.

Mas aquela, era a romântica Botucatu rural, por êles desejada; a de hoje, era a Botucatu burocrática e não os interessava mais.

Um sacerdote, que foi reconhecido como sendo o padre Euclides Carneiro, fundador do Asilo, e discípulo de São Francisco de Paula, perguntou aos vizinhos, se tinham alguma notícia de um tal Mássimo. Responderam que estavam em condições de dar informação dele, por ser bastante procurado, na sua qualidade de gerente, de uma sociedade de alto-falantes!

Os moradores daqueles arrabaldes, contaram, mais tarde, que realmente naquela noite, notaram um misterioso movimento no ar e nas ruas, acompanhado de um surdo ruído semelhante ao sussurro, que faz a fôlha sêca, quando cai da árvore.

Chegados no alto, e ingressando no recinto dos recolhidos, foram lá instantaneamente imobilizados, como se uma força sobrenatural, tivesse paralizado os seus movimentos.

Ajoelharam-se, abaixando as cabeças, sem porém perder de vista, o que estava acontecendo na frente.

Alguém se encontrava nas trevas!

O sossêgo ali, era completo. A fisionomia dos que lá dentro dormiam e os quais, podiam-se enxergar de fora, exprimia uma extraordinária tranquilidade; os rostos, pareciam iluminados, por uma vaga convicção de esperança e beatitude.

O ALGUEM conservava-se nas sombras, de pé,

imóvel, olhando os que estavam deitados em profunda paz. Eles eram mesmo o que restava, dos descendentes diretos, dos que haviam fundado a cidade; eram, por assim dizer, os «morituross», que estavam suspensos entre a vida e a morte. Repentinamente, um novo relâmpago, de muitas côres, como se uma misteriosa mão o tivesse guiado, rompeu a penumbra, iluminando o vulto rugoso dos pobrezinhos. A estranha personagem, avançava agora, a passos lentos; parava, saía, passava de porta em porta, contemplando a todos com carinho.

Seu rosto, era o que de mais dôce se pode imaginar; seus olhos brilhantes, de uma luz que não era deste mundo, pareciam ser, ao mesmo tempo, carinhosos e melancólicos; seus cabelos, cõr de vinho, caíam pelas costas, veladas em parte, por uma túnica pregueada, violeta, coberta com um manto cinzento, comprido quasi até aos pés, que eram brancos como a neve recentemente caída; estes, estavam presos em sandálias azues, entrelaçadas na perna, por fitas de renda, à moda dos antigos profetas de Israel. Bem longe, muito bem longe, como se chegasse do além, uma orquestra de violinos, harpas, violas, flautas e cítaras, executava uma música tão harmoniosa e de inspiração paradisíaca, que despertando o sentimento do infinito, elevava a alma até ao céu.

E o Extranho Visitador, continuava a acariciar os que dormiam; sustava às vèzes seus passoss, examinando-os um por um, para ver se a respiração era normal; ao toque da sua mão direita, elles se moviam, e parecia que daquêles coraçõess, saía um gemido infantil. Curvava-se sôbre os mais fracos, sempre silencioso e comovido, julgando-se feliz por encontrar-se nos quartos, onde a vida e a morte se degladiavam, ante aquêles míseros restos humanos. Acabado de visitar todos, e mostrando pela augusta expressão do rosto, que estava satisfeito em haver cumprido o seu dever, entreabriu a porta principal, dirigindo agora seus olhos para um ponto mais alto, não muito distante da catedral e que, naquele momento tinha o aspècto de estar enfeitado e perfumado, por todos os lados, com abundância de flores. De lá, saíam gritos e cantos confusos, e o tornavam mais encantado, fachos de luz intensa que convergiam sôbre elle, interrompidos

por outras luzes menores, de côr vermelha e verde, que davam a idéia de um grande e incomensurável broche de pérolas e diamantes, incrustado por rubis e esmeraldas.

Fixou-o bem, e ficou meditando. Em que estava pensando? Moveu levemente a cabeça e pronunciou melancolicamente estas palavras: «Omnia munda, mundi!»

Mas, enfim, quem era este Homem, que por último, após haver atravessado o pátio e abençoado ainda uma vêz, os velhos do Asilo, levantou-se em seguida no alto, em meio à semi-obscuridade e desapareceu, sem deixar vestígio?

Era JESUS CRISTO, que em veste humana, na noite do dia 14 de abril de 1955, não visto e nem percebido, havia visitado os seus irmãos pobres!...

Todos se levantaram, tomando o caminho do cemitério, atrás dele, na direção que parecia haver êle escolhido. No limiar da porta, estava agora um anjo, de pé, sorrindo e com um dedo nos lábios, para não fazer barulho, pois havia passado O ETERNO!

Os dois últimos a apresentar-se na porta, foram Don Lucio de Souza, primeiro bispo desta cidade, em hábitos episporais e Don Pascoal Ferrari, de pluviol branco. O primeiro, tirou da mão do seu vigário, o asperges; imergiu-o na caldeirinha da água benta e, levantando o braço, abençoou os vivos e os mortos.

As portinholas dos jazigos, fecharam-se, e tudo desapareceu; o silêncio eterno, tornou, novamente a reinar lá dentro, sobre todas as casas.

— Adeus, Botucatu querida, que como a água esconde o seu ninho, nos desertos cumes dos alpes, assim tu, construiste os teus alicerces, no alto desta Serra! Adeus cidade, que conservas no teu seio, também os ossos dos que nos deram a vida! Adeus! Nós, não voltaremos aqui, mas não te esqueceremos jamais! Amanhã, com alegres gorgeios, os passarinhos voltarão a cantar; o orvalho tornará a unidecer as ervas; as flores, continuarão a abrir-se; a aurora, despontará por detrás das tuas altu-

ras, mas nós não o poderemos mais apreciar! Adeus!

Eram estes, os sentimentos dos que haviam desaparecido.

As emoções e o frescor da madrugada, fizeram-nos recuperar nossa força psíquica.

Todavia, nossos rostos, com tôda a certeza, deviam conservar certa expressão de susto e de espanto.

Quantas horas ficamos fora de nós? Para onde fomos? Até hoje, não o pudemos saber.

O meu amigo Chiarella, que suave e não sei como, havia tirado o paletó, enfiava agora as mãos, nas mangas, avisando-me que por uma semana, teria descansado no meio da sua família, que mora em Avaré; o Sr. Walter Strong, disse-me que me esperaria no hotel, para discutirmos sôbre o assunto, e, quanto a mim, levantando a cabeça para o céu, percebi que as estrélas brilhavam com menor intensidade; portanto, o dia estava para romper.

Readquirida a minha liberdade de movimentos, afastei-me dali, vagarosamente.

Leitor, reflète e julga.

Botucatu, 10 de agosto de 1955.



DO MESMO AUTOR

OS PROLETARIOS.

— Editor G. Nerbini
Florença - 1898.

ROMA NERONIANA.

(Páginas históricas)

— Editor G. Nerbini
Florença - 1899.

ANTES DE MACIOVIC.

(Episódio épico polonês)

— Editor G. Nerbini
Florença - 1902.

MIRTA FLAVIEN (Romance).

— Editor G. Nerbini
Florença - 1905.

AURORA DE PAZ.

(Alegoria histórica em um ato).

O CAPELÃO DA CAMISA VERME-
LHA ou UM ENSAIO DO HINO DE
GARIBALDI EM 1859 — (Dois atos).

O LEPROSO — Drama em cinco atos.

SANGUE BRASILEIRO.

Drama em dois atos.

O SINO DE XX SETEMBRO.

Comédia espírita em dois atos.

O SOLDADO DESCONHECIDO.

Um ato.

OS MARDOCHEOS.

Comédia satírica em cinco atos.

AMOR E MORTE - Drama em um ato.

A MARCHA DOS MORTOS EM BO-
TUCATÚ — Narração macabra.